

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

Cartas aos republicanos guimaranenses

A UNIÃO FAZ A FÔRÇA!

X

A educação é valiosa herança, é certo, mas também é bem verdade que muita gente há que «sendo jumento julga ser gamo e quando fôr a saltar conhecerá a diferença».

Não pretendo reeditar o que já disse sobre a indolência característica do republicano português como não desejo relembrar a parábola do feixe de vimes em que se demonstra que a união faz a força, num desejo de fazer luz aos espíritos imobilizados, nesta vontade de pôr ao ar as consciências embotalhadas no sectarismo.

A educação o dirá—e sabe ouvir com serenidade os conselhos honestos, tanto os que se clamam em voz alta como aqueles que, na sua eloquente mudez, nos forçam a sonhar consoante se vive.

Cada julgador que proceda conforme quizer.

Se se retratar dos erros que mancharam a sua personalidade, considerá-lo-hemos um virtuoso.

Se pensar em servir-se da obstinação que o torna cego, uma vez que seja reconhecida como uma miserável hipocrisia ou criminosa indolência, então deve-lo-hemos apelar de abusador do entendimento.

¿Acha que a felicidade lhe advém da nobresa verdadeira?

Continúe a ser nobre e nada nos custa emparceirar a seu lado.

Daremos as mãos lealmente, com sinceridade.

¿Sente o gôso na contumácia do erro?

Pois que gose a seu modo, que não o iremos importunar.

Quanto a nós—embora peze aos fôsseis do «republicanismo» que pela calada nos assobiam ás canelas—, claros somos em nossa maneira de proceder e não tememos o arreganho de quem sentiu tremido o seu ideal porque um dia viu momentaneamente perdida a República—a República que nunca compreendeu em seu feroz demagogismo, em sua irreduzível intolerância e em sua *pecuniosa*... paz-pôdre de *bon vivant*.

Hoje, felizmente, é já grande o número daqueles que,

em Portugal, compreendem dos seus deveres:

Abatidas as bandeiras partidárias, esquecidos velhos rancores e jurada uma solidariedade infinita, os republicanos de virtude, os republicanos essencialmente democratas, deliberaram unir-se em volta da bandeira verde-rubra para se redimirem dos erros do passado—se erros houve!—e para legarem aos vindouros um regimen politico que em muito contribuirá para a grandiosidade desta Pátria, uma Democracia que seja, não um devaneio, mas uma realidade civilisadora e progressiva.

Aberto ao sol o ideal que se libra nas vertiginosas alturas de pensamento, aquele volitará no espaço e no tempo como última palavra da perfeição humana—a suprema Felicidade da vida—, e as palavras supremas, Doutrina e Bondade, farão resumir do peito de cada um de nós a Fraternidade que nos irmane!

Fr. Heitor Pinto, na 2.ª parte do capítulo II da sua *Imagem da Vida Cristã* historia um grande exemplo de amor pátrio que bem pode considerar-se amor pela comunidade.

Conta ele que o filho d'el-rei de Mida, Anchuró, vendo que estava uma voragem a par de Celeno, aonde muita gente se sorvia; e sabendo que era dito pelo oráculo de Apolo, que os gentios tinham por Deus, que aquela espantosa cova se não taparia, salvo se alguém se metesse nela da sua própria vontade, determinou ele de o fazer e perder a vida para dar á sua Pátria.

«Despediu-se o formoso e esforçado mancebo, e ilustríssimo príncipe d'el-rei seu pai, e de sua amada mulher, com palavras saudosas e magoadas, as quais haviam de ser as derradeiras que se n'esta vida haviam de dizer: e ainda que as bocas calaram, não poderam calar os olhos, porque as lágrimas, que deles saiam, eram vozes que publicavam sua dor e sentimento. E subindo-se num cavalo o

valeroso mancebo, foi correndo a meter-se na voragem, aonde foi logo sorvido e sumido, e o lago se tapou.

Em pleno século XX, e neste soberbo rincão minhoto, embora não fale o oráculo de Apolo, porque já deu o seu tempo, destes exemplos resultam ainda benefícios porquanto a ideia de velar pela integridade da Pátria e pelo bem da comunidade é atrofiamento de espirito que não cura e que renega as qualidades atávicas da raça.

Haja em vista o que se passa nesta terra de Guimarães, que tendo sido o fóco donde irradiou a nacionalidade, é hoje um balcão de agiotagem, e de tamanho trastejar, que dum terra cheia de glórias e de feitos heroicos não resta senão um estabelecimento de velharias em que a ganancia e o lucro ilícito são norma de negócio.

¿Minto por assim falar?

Não.

O defeito parte daqueles que, esquecendo os mais rudimentares deveres, mercantilizaram as consciências e os corações.

Não fôra isso, e desnecessário seria o sacrifício da meia duzia de homens com quem deparamos todos os dias, dessa meia duzia que vive uma vida cheia de canceiras e de privações, e que considerados acérrimos defensores dum causa que a todos aproveita, não teem morrido de fome porque acalentam em seu peito a fé absoluta na sua idealogia e na sua persistente acção.

E' duro confessá-lo, mas ninguém m'o contestará.

Do esforço colectivo, de todos os que ambicionamos uma sociedade melhor, muito poucos o compreendem neste recanto do minho.

Vê-se renegado o sentimento e deprimido o ideal.

Deixemo-nos de meias-palavras.

A terra e a grei terão de redimir-se da vida mercantilizada e da desconiança que a envolvem.

¿Guimarães é cidade republicana e tem filhos seus que são republicanos também?

¿Que o demonstrem, im-

Enquanto o PAU vai e vem... folgam as costas!

Se então chegasse a morrer
O saudável «doentinho»,
Não sei que havia de ser
Do prestimoso Antoninho!
—Aos endossos amarrado
Redundava em desgraçado.

Herético-sifilitico sabido,
Hepático e esplenético provado,
Só por milagre é que ele tem vivido
E mesmo assim, Deus meu!, muito alquebrado.

Embora um RISTURI, bem conduzido,
Um abcesso mortal lhe haja cortado,
Seu mal ficou latente, anda escondido...
Ao certo é o que lhe está diagnosticado!

Mas quando, n'um desplante caricato,
A Voz lhe publicou o vil retrato,
Dando arredado ainda o fim macabro,—

Folgaram os crédores na festança:
—Tomara ainda alentos a finança,
Ficando p'ra mais tarde o descalabro!

GUEDES ARROIO.

pondo os seus princípios, e que surjam os republicanos!

¿Que o afirme claramente, cheia de altivez, e que os republicanos guimaranenses, penitenciados da vida que teem levado, se abracem nesta meia duzia de sacrificados, democráticos e nacionalistas, esquerdistas e liberais, independentes e socialistas, que pugnam e lutam com este único objectivo: engrandecer o concelho e prestigiar a República!

1930. L. COELHO

N. do A.—Na minha IX carta, na última linha da 2.ª columna e primeira da 3.ª deve ler-se «que se lisongeie com vaidades pueris e atraioem» e não: «que se lisongeiem com vaidades pueris e as atraioem».

Dr. Américo Durão

Para preencher o lugar vago pela morte do saudoso José Maria Gomes Alves, tomou posse do cargo de Secretário da Câmara Municipal o talentoso poeta e distinto advogado, Ex.º Sr. Dr. Américo Durão, deslocado de Lisboa aonde se encontrava como professor adido duma escola superior.

Não conhecendo pessoalmente o nosso funcionário municipal, a não ser através das suas obras, fazemos votos para que S. Ex.ª faça um lugar condigno da sua categoria, substituindo e preenchendo a lacuna deixada pelo proficiente Gomes Alves.

Os nossos cumprimentos.

De acordo

O correspondente para a *República*, de Lisboa, em carta de 24 diz, referindo-se aos artigos do sr. Ribeiro de Carvalho, diz que concorda com «a união, sim, mas de todos os republicanos que acima de tudo prezem o seu caracter e a sua honra. Muitos há que o interesse é fazerem bons negócios á sombra do sangue que se vem derramando desde a proclamação da República e que assim continuarão até ao dia em que lhe sejam pedidas contas de todas as patifarias cometidas.

Com estes, a união é impossível».

Plenamente de acôrdo, presado correligionário.

Mas, «como até ao lavar dos cestos é a vindima», o melhor é deixar que se desmacarem esses tais videirinhos para depois lhes exigir as contas que á Justiça são devidas.

E vamos para a união pura e simples!

Tenente Albano Cruz

Encontra-se de luto, pelo falecimento do seu cunhado, Antonio Teixeira de Carvalho, o nosso devotado correligionário e querido amigo, sr. Tenente Albano Cruz. Os nossos sentidos pésames.

Aos nossos assinantes

Tendo sido enviadas cartas a alguns dos nossos assinantes das freguezias para nos auxiliarem na cobrança dos recibos do nosso jornal, para regularidade da escrita da administração pedimos que nos devolvam as importancias recebidas pelo que nos confessaremos muito gratos.

Propagai «A Velha Guarda»

IRMÃOS QUE SE SAÚDAM
OS REPUBLICANOS
PORTUGUESES DO BRASIL

por intermédio da "República", saúdam todos os republicanos de Portugal

A «República» tem hoje a honra de inserir a Mensagem que o prestigioso Grémio Republicano Português, do Rio de Janeiro, por seu intermédio, dirige a todos os republicanos portugueses.

Ao tornar-mos público esse documento, por tantos títulos interessante e oportuno, enviamos aos republicanos portugueses do Brasil as nossas saudações mais sinceras e, em nome dos republicanos da Mãe-Pátria, os nossos agradecimentos mais comovidos.

Republicanos Portugueses!

O Grémio Republicano Português, do Rio de Janeiro, vem trazer-vos a sua saudação.

Fundado antes da alvorada de 5 de Outubro, quando a propagação pela República era—aquí no Brasil, como em Portugal—combate arriscado e arduo esforço, o Grémio Republicano Português, do Rio de Janeiro, porque tem combatido pela ideia, sabe conhecer e admirar a luta dos seus correligionários de Portugal.

Nas horas de sofrimento como nas de triunfo, nos momentos de alegria, como nos de tristeza, os Republicanos que se congregam neste grémio querem ter, e não-de ter, para os seus irmãos da Pátria distante, palavras de carinho e de louvor.

Republicanos!

Não, nos ilude a distancia, nem o silêncio, nem o clamor dos nossos adversários, quando apreciamos os vossos actos e recordamos as formidáveis dificuldades que soubestes superar, e reconhecemos o aspero caminho que para vós tem sido a ascensão da República, resgatando em Pão, Justiça e Liberdade a grande multidão de esmagados que a monarquia nos legou.

E' que, longe da Pátria, os nossos olhos vêem e julgam com imaculada clareza. Não os turva a névoa de qualquer interesse material, ilumina-os um clarão de amor pela Terra-Mãe abençoada.

Por isso, nos enlevamos na tolerancia que vos fez perder os assaltos reaccionários tão odientamente repetidos quanto nobremente absolvidos; como no prodigio de energia que vos fez consumir a intervenção da Grande Guerra, salvando a Pátria contra os que, vencidos pela República, almejavam a derrota nacional; como no milagre da vossa administração, lutando contra tudo e contra todos para que houvesse mais pão em todos os lares. Por isso, compreendemos que os vossos dissidos políticos representassem o preço da marcha da Nação para a Democracia, que tinheis de edificar desde a primeira pedra sobre uma forçada ficção inicial.

Se o sonho que se encarnou na República foi concebido mais simples, ou mais alto, do que a realidade em que vos coube caminhar, não vos pertence a culpa do optimismo da previsão, mas sim o orgulho de aceitar as agruras da jornada.

Deste lado do mar, o nosso coração de homens do povo—que tanto é dizer da República—tem-vos sempre acompanhado. A alguns de nós sorriu em prémios o seu trabalho de emigrados. São estes os que mais se sentem obrigados a louvar-vos e aplaudir-vos,

políticos de uma terra em que a política arruina e martirisa os seus paladinos.

Vergonha seria a deles se, olvidados da hora degradante em que tiveram de abandonar a Pátria porque os donos dela lhe não consentiram pão, fossem em qualquer momento capazes de defender o passado ou a sua monstruosa ressurreição.

Nós, vossos companheiros do Povo e da República, saberemos sempre erguer a nossa alma até junto de vós, até aos vossos anseios, e ás vossas esperanças, ás vossas audacias e á vossa intransigencia, á vossa perseverancia e ao vosso sacrificio. E saberemos sempre, distantes do vosso lado, atirar para o céu, atirar sobre a terra, contra todos os dogmas e contra todos os crimes, vibrante como um desafio, ardente como uma caama, o grito supremo de fé na redenção de Portugal.

Viva a República!

Grémio Republicano Português, do Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1930.

O Directorio

Presidente: **Ricardo Seabra Moura.**

Vice-presidente, **Joaquim Soares da Cunha.**

1.º secretário, **Benardo Silveira.**

2.º * **António da Rocha Beça.**

Tesoureiro, **Albino Ferreira da Costa.**

1.º contador, **Afonso Rodrigues da Costa.**

2.º contador, **Henrique de Melo e Castro Dourado.**

1.º procurador, **A. Trindade Faria.**

2.º procurador, **A. Francisco da Costa.**

Bibliotecario, **Manuel da Costa e Sá.**

Da «República», de Lisboa, de 23—8—1930.

Uma carta

do Ex.º Sr. Simão da C. Guimarães

Ainda a propósito da nossa local—*Pai?*—do Ex.º Sr. Simão da Costa Guimarães recebemos a carta que abaixo se transcreve e que por ser subscripta por um vimaranense que á causa da humanidade tem dado o melhor do seu esforço, pois a sua vida é devotada há longos anos ao serviço da Benemerita Corporação dos Bombeiros Voluntários, desta cidade, merece todo o respeito e toda a simpatia, pelo que fazemos a sua publicação.

Guimarães, 25/8/1930.

Sr. Redactor e Administrador de «A Velha Guarda»

Devido á local inserta no n.º 236 do jornal que V. dirige, offensiva a uma pessoa da minha familia, sou forçado e obrigado a suspender immediatamente a assinatura do mesmo jornal, sem outros comentários correlativos, o que se servirá notar para os devidos efectos.

Do que dever servir-se-há mandar recibo, para pagar.

De V.

Att.º e Ven.º

a) **Simão da Costa Guimarães**

Curiosidades de Guimarães

de Alberto V. Braga

Com requintes de gentileza, de Alberto V. Braga recebemos duas esplendidas separatas da «Revista de Guimarães» respeitantes ás nossas curiosidades e que merecem uma critica larga pelo valor que encerram.

E' que Alberto V. Braga não é só o profundo etnógrafo das curiosidades que tresandam a velharias; é um poeta mimoso, um lídimo descendente dos trovadores dos tempos idos, um bom cantor do nosso virente Minho.

A sua prosa, conscientemente regionalista, tem sabôr e harmonia.

Acicata os nervos e a um tempo deleita.

Tem as suas dissonancias, e deixa transparecer frases maviosissimas, arranjadas com beleza e ritmo.

Modernisa o que é velho com a mesma arte dum compositor que abre a partitura com dissonancias terríveis para nos predispor a ouvir sons cadenciados, prenhes de subtilidade e de encanto.

Toda a sua obra, e de grande valia já ela é, são hinos entoados em louvor deste formoso Minho—salmos que enternecem, baladas de amor e de carinho.

Em cada página sua, a cada frase que se lê, tressua a história da grei e revive a índole do povo, que, por vezes, degenerou e quasi perdeu o expedito atavismo da raça.

São os horisontes despertando a custo na mancha esbranquiçada do alvorecer; o tom róseo, poeirado d'ouro, a esbater-se no céu todo azul; é o verde mate da vegetação desenhando as várzeas saramelgadas em policromia e os outeirinhos aprasíveis e encantadores...

São os ais da vida rústica entrecortando a lufa-lufa do trabalho; o ping-ping das águas da fonte que se soltam em perdição de escorros; e o zunir da folhagem á viração da manhã...

São os descantes á porfia, o bisbilhotar do corujedo femenino e o chilreio da passarada irrequieta e ladra...

São as filigranas e os dobrões como que atestar riqueza; as casemiras, os veludinhos, as chitas berrantes e os lenços maiatos a impôr elegancia e donaire; e a sarandalha das vindimas, das espadeladas e das malhadas...

Finalmente: são as romarias bezuntadas de paganismo e de fé, movidas, bailadas e alegres; as promessas duma untuosidade religiosa que comovem; e o fogo do ar pondo em alvoroço os natorados que cochicham pelos cantos, e rasgando a neblina da noite com scintillações de relâmpagos...

A vida, á dôr, o bem e o mal, tudo alcança e anichado está no coração do poeta.

* *

Lemos dum traço, as curiosidades do Alberto V. Braga.

Não cançam nem enfastiam porque estão cheias de tonalidade e sabôr.

Talvez porque é defeito do portuguezinho embevecer-se no escândalo, e também porque é sua pécha ansiar por descobrir a ponta do véu que encobre o assunto digno de exploração, a sua leitura tornou-se agradável e amena. «As mulheres, jôgo, festas e luxo» e a «malta de saltadores» são na verdade dois grandes capítulos para a compilação duma grande obra a realizar.

Do primeiro, em que é posto em foco liberticida vida dos primeiros cincoenta anos do século XVII, fortalece-a a opinião demolidora da vida desregrada dos tem-

pos antigos para a sério dar alento e razão ao veemente desejo que existe em purificar a sociedade de amanhã, fundindo no cadinho da honra a impossível sociedade d'hoje.

Se o *après la guerre* em muito contribuiu para o abandalhamento da sociedade; se foi o principal agente de destruição dos pruridos da sensataz e da bondade; o exemplo antigo agita vergonhosamente as devassas e alicerça a ambição, a vontade imperiosa de deconstruir na alma do povo o sentimento vivificante e benfazejo da regeneração.

No segundo, conhece-se a vida de sobressalto que o famigerado P.º Lombela criou á gente das redondezas da nossa terra.

E' um quadro terrorista, inundado de sangue, com zagalotes á mistura e pondo corpos num crivo, o lampear das lâminas e da pólvora, gritos de socorro e o estafado estribilho do «a bolsa ou a vida».

João Brandão, Zé do Telhado, o Papa-Assúcar, todos são recordados com terrôr como nos contos das crianças—botifarras de papel léguas, arcabuzes de mais dum metro d'alto, barba hirsuta, cabelo em desalinho, chapeirão encobrinho os olhos arregalados, penetrantes, e a boca a espumar a sede de sangue.

Depois, vem a acção da justiça, serena, persistente e implacável.

E' o epilogo de toda a tragédia—o prémio e a paga de tanto mal provocado,—a lórça e o degrêdo.

Parabens a Alberto V. Braga! Os seus estudos seduzem e collocam-se a par dos grandes etnógrafos, dos conscienciosos investigadores.

Obrigado pela oferta.

Agosto—1930. **L. Filipe.**

Grupo dos «Infalíves»

Em passeio recreativo pelo Alto-Minho, Tuy e Vigo, o «Grupo dos Infalíves», desta cidade, parte hoje levando nos olhos a saudade deste formoso rincão e espalhando, por essas terras além, o nome de Guimarães—o nome da cidade que os viu nascer e á nacionalidade.

Não se poupando a despêsas, o «Grupo dos Infalíves» mandou imprimir vários réclames á cidade, em côres, e com gravuras dos nossos principais monumentos e paisagens, o que representa uma propaganda conscientemente bairrista.

Ninharias

Uma pergunta ao Sr. Juiz de Direito

Para pôr as coisas no seu devido lugar, muito gostaríamos que o Sr. Juiz nos esclarecesse se a qualquer cidadão é permitido fumar dentro da sala das audiencias, ou se nessa Repartição foi decretado a lei de fumaça.

O alcance desta pergunta sabe-o muita gente, e nós, uma vez que isso nos seja esclarecido, prometemos tratar mais minuciosamente do assunto a-fim de que se ponha còbro a certos abusos cometidos.

* *

Diz se, ouve-se e não se acredita...

Que a «Empresa da Cuca», ali de Moreira de Cooegos, não obstante ter deliberado em Assembléa Geral dar o dividendo de 10% aos cotistas, ainda não cumpriu, apesar de longos meses passados.

Pobres sócios!...

Nem ao menos 10 por cento... enquanto os gerentes, que para lá foram de calças remendadas e bonet á tecelão, levantam palácios e compram automóveis!...

Que sem vergonhas!!!

Conversaremos mais de espaço.

V. V.

Dr. Eduardo d'Almeida

Na Freiria, Prazins, encontra-se o nosso illustre colaborador e distinto e caudico, Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida, que ali se se encontra em goso de férias.

Dr. José Pinto Rodrigues

Em companhia de S. Ex.º Esposa e interessantes filhinas já já algumas semanas que se encontra em goso de férias, numa quinta deste concelho, o nosso dedicado amigo e distinto advogado desta comarca, Dr. José Pinto Rodrigues.

Heitor Campos

A este nosso presado amigo e digno Agente do Banco de Portugal faleceu uma filhinha com alguns meses de idade, pelo que lhe apresentamos os nossos cumprimentos.

Não demorem a sua inscrição de sócios na

A. S. M.

“A PREVIDENTE”

Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral—**Dr. José Figueira d'Andrade**, advogado
Cons. Fiscal—**Dr. Guilherme Machado Braga**, médico
Direcção—**José Pinheiro**, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobrevivencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessoa a quem o socio legue o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes á data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivencia

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão fornecidos na vella do correio

S E D E — Rua Passos Manuel, — PORTO

TELEFONE 4750

Aceitam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:

O sócio correspondente—**Alberto Gomes Alves**
Rua da República, n.º 85.